

Memórias da Faculdade de Medicina da Bahia para o patrimônio das Ciências Médicas no Brasil

Memories of the Bahia Medical Faculty for the medical sciences heritage in Brazil

Adriana Monica Martin¹
Roberto Righi²

1.
Arquiteta pela Universidad Nacional de Rosario. Mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.

2.
Professor Titular da FAU, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Doutor aposentado da FAUUSP. Arquiteto e Doutor pela FAUUSP. Mestre pela COPPE-UFRJ.

Resumo

Este trabalho sintetiza as pesquisas realizadas por Adriana Monica Martin para fundamentação teórica e prática do restauro do conjunto da Escola de Medicina da Bahia e especialmente do Salão Nobre. A metodologia aplicada relaciona estudos teóricos e práticos. Os teóricos envolvem fontes primárias e secundárias. Destacam-se dentre elas as do Instituto Geográfico Histórico da Bahia, os jornais da época, documentos do Memorial da Medicina da Bahia, e entrevistas. Dentre os estudos práticos há detalhados levantamentos arquitetônicos, fotográficos e outros feitos no edifício em Salvador, Bahia, que fundamentam suas conclusões. O artigo inicia-se com um histórico dos principais eventos ocorridos naquele conjunto arquitetônico, seguindo com avaliação dos problemas técnicos envolvidos na recuperação do conjunto. A colaboração do Prof. Dr. Roberto Righi envolve a estruturação, a organização e a revisão do texto.

Palavras-chave

Faculdade de Medicina da Bahia, patrimônio da medicina no Brasil, restauro das pinturas murais.

Abstract

This work synthesizes the research carried out by Adriana Monica Martin for the theoretical and practical foundation of the restoration process of the Bahia Medical School and especially the Noble Hall. The applied methodology involves theoretical and practical studies. Theorists involve primary and secondary sources. Among them, the Historical Geographic Institute of Bahia, newspapers of the time, documents of the Memorial of Medicine of Bahia, and interviews. Among practical sources include. Among the practical studies, there are detailed architectural, photographic and other surveys made in the building in Salvador, Bahia, which base their conclusions. The article begins with a history of the main events that occurred in that architectural set, followed by an evaluation of the technical problems involved in the recovery. The collaboration of Prof. Dr. Roberto Righi involves structuring, organizing and revising the text.

Keywords

Bahia Medical School, heritage of medicine in Brazil, restoration of mural paintings.

Introdução

Os trabalhos da arquiteta Adriana Monica Martin na UFBA foram voltados à Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) e ao seu Salão Nobre, e começaram em 2005 e terminaram em 2007. O edifício se localiza no Terreiro de Jesus, em Salvador da Bahia. É considerado o berço da pesquisa e do ensino universitário da medicina no Brasil. Quando ela lá chegou, aguardava-se pela restauração integral do prédio que completaria 200 anos em 2008.

Durante a história dessa edificação houve fases em que esta foi valorizada e outras em que ocorreu, infelizmente, a perda de valores. O resultado deste processo transcorreu até a retirada dos cursos de medicina do prédio. O Salão Nobre, que até então era sede dos mais altos eventos da categoria, perdeu sua importância, num longo processo de decadência. Este espaço é localizado na "Ala Nobre", possuindo um acervo cultural e histórico de grande valor, com pinturas artísticas e decorativas valiosas. Lamentavelmente, encontrava-se à época de início do trabalho bastante estragado e ameaçado por agentes

3. Bazin (1975, p. 22) informa que existe documentação de 1575, onde são mencionadas disposições para o transporte de materiais.

danosos, que afetavam principalmente o forro e a cobertura. Ele ainda não tinha ruído, mas estava escorado por vigas e andaimes metálicos, que sustentavam a estrutura desde 2001, na sequência de episódios chuvosos.

1. Evolução da edificação de sua fundação pelos jesuítas de 1549 até o início do século XX

As primeiras construções do Colégio de Salvador, consideradas precursoras da Escola de Medicina, eram de taipa e cobertas de palha. Foram reedificadas diversas vezes, sempre que ameaçavam ruir. Em 1560, a igreja e o colégio se encontravam em ruínas e, por ordem do governador Mem de Sá, o conjunto foi reconstruído em pedra e cal, às suas expensas. A terceira construção da igreja foi iniciada em 1564 e concluída em 1585. O colégio foi novamente inaugurado em 1590-91. Vários documentos indicam a progressão dos trabalhos. Foi construído sob a direção do Frei Francisco Dias, que deixou as obras de São Roque em Lisboa, onde trabalhava, chegando à Bahia em 1577. O colégio, tanto quanto a igreja, eram de pedra e cal, como confirma correspondência do Padre Fernão Cardim, de 1585 (BAZIN, 1975)³.

Em 1604, ocorreram novos problemas nas edificações. O padre Fernão Cardim pensou em reconstruir a igreja e como forma de obter recursos para a obra, fundou uma empresa açucareira no rio da Trindade. O projeto, retomado em 1616 foi suspenso devido à invasão holandesa ocorrida em 1624. A realização definitiva só ocorreu após a total expulsão dos holandeses do Brasil, realizada em 1625. De acordo com a planta da cidade de Salvador (Figura 1), gravada na Jornada dos Vassallos da Coroa de Portugal do Pe. Bartholomeu Guerreiro, impressa em Lisboa em 1625, "as construções do colégio e das escolas formavam um conjunto inorgânico, agrupado de sul a norte, ao longo do terreiro de Jesus, sendo a igreja na direção norte-sul, isto é, perpendicular à igreja atual" (BAZIN, 1975, p. 43).

Em 1655, o padre Simão de Vasconcellos enviou ao Padre Geral (superior da época, na Europa) as plantas e uma carta que dava os detalhes sobre o financiamento da obra que seria realizada graças a doações – o que de fato aconteceu. Das doações, a mais importante foi a do

capitão Francisco Gil de Araújo, que se encarregou pelas despesas da capela-mor, cuja expressão artística é atribuída ao seu irmão, o entalhador João Correia de Araújo (CARVALHO, 2000, p. 208).

Vários registros citados em diversas fontes referenciam sobre a chegada de material de construção nesta fase da edificação. Em 1691 há registro do Padre Antonio Vieira, que diz: "Tivemos nau da Índia carregada de pedra que se trocou com 700 caixas de açúcar" (apud BAZIN, 1975). Em 1694, reconstruiu-se o pátio do colégio, do lado da epístola; e do lado do Evangelho, o pátio dos Estudos Gerais. Em 1740, deu-se a reconstrução geral dos telhados do colégio e, em 1746, ocorreram a restauração e a ampliação da capela interior. Finalmente, em 1754, foi criado um novo cemitério para os padres. Após a expulsão dos jesuítas, em 1755, vários projetos foram pensados e até se tentou a implantação de alguns, para a utilização da imensa estrutura arquitetônica que ficara abandonada (BAZIN, 1975).

Em 1765, a Catedral passou para a Igreja do Colégio, devido ao precário estado da antiga Sé. No governo do Conde de Azambuja cogitou-se utilizar as instalações do Colégio para um Hospital Militar, mas isso não foi adiante. Em 1774, o Arcebispo Dom Joaquim Borges de Figueiredo propôs estabelecer a "Regia Casa de Educação", que constituiria um colégio para filhos dos nobres. Em 1778, voltou-se a pensar em uma vocação médica para a velha construção, uma vez que o Governador Manuel da Cunha Menezes usou uma das salas do antigo Colégio para alojar soldados contaminados pela epidemia de varíola. Assim, em 1782, o Governador Marquês de Valença mandou executar os desenhos para implantação do Hospital Militar, pelo engenheiro real José Antônio Caldas. Este desenhou então, três plantas e um corte com a vista da igreja e a fachada do Salão Nobre, hoje conservados no Arquivo Militar do Ministério do Exército Brasileiro. Dessa maneira, "o Hospital Real Militar da Bahia foi criado em 4 de outubro de 1799, por decisão do governador e capitão-general da Bahia, D. Fernando José de Portugal para ser instalado no Colégio que fora dos Jesuítas" (CARVALHO, 2000, p. 217-218), mas de fato só foi viabilizado anos depois.

Em 1808, com a chegada de D. João VI ao Brasil, integrou a comitiva o Dr. José Correia Picanço, médico pernambucano que estudara em Coimbra, Lisboa e Paris. Sua função era de cirurgião-mor do Reino e da Casa Real. Seu prestígio junto ao Príncipe Regente permitiu sugerir-lhe a necessidade da criação de uma Escola de Cirurgia junto ao Hospital Real da Cidade. Em decorrência disto surgiu então a "Escola de Cirurgia da Bahia", que compreendia apenas duas matérias, uma de 'anatomia' e outra de 'cirurgia especulativa e prática" (BRITO, 2002).

Este curso de cirurgia existiu por oito anos e funcionava, de forma muito precária, no mesmo prédio do Hospital Militar, isto é, no antigo Colégio Jesuíta. Seus alunos eram formados cirurgiões, em quatro anos, porém não eram reconhecidos para todas as competências médicas, isto é, não eram considerados médicos. Como consequência, em 1815, deu-se a primeira reforma do ensino da Escola de Cirurgia da Bahia, que ampliou a duração para cinco anos do curso e aumentou o ensino para oito cadeiras, além da já existente de químico-farmacêutica (BRITO, 2002). Em 1816, a Escola passou a denominar-se Colégio Médico Cirúrgico. Além disso, conforme determinação de Carta Régia, passou a funcionar no Hospital da Santa Casa de Misericórdia que, no momento, se encontrava em melhores condições. Em 1820, D. João VI autorizou a escola a formar farmacêuticos na Bahia (BRITO, 2002).

O Colégio Médico Cirúrgico, em 1826, fez a escolha de uma insígnia para figurar como seu símbolo: "o bordão de Esculápio, entrançado por dois ofídios, ornado por um ramalhete de café e por um ramo de fumo, e tudo coroadado pela inscrição: Colégio Médico Cirúrgico" (BRITO, 2002). É importante ressaltar que este é um dos mais importantes elementos figurativos, que aparecem na decoração do Salão Nobre.

A reforma institucional seguinte ocorreu com a Lei de 3 de outubro de 1832, que reformulou os Colégios de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e teve consequências importantes para o ensino médico de então. O Colégio Médico Cirúrgico passou a denominar-se Faculdade de Medicina da Bahia e voltou a instalar-se no antigo Colégio dos Jesuítas. Tomou posse de todos os cômodos, exceto o da antiga Botica, onde o governo provincial pretendia

4.

Por meio do art. 16 da mesma lei, a Santa Casa da Misericórdia permaneceu facultando as enfermarias do seu hospital ao ensino clínico (CAMARGO, 1999). O Colégio dos Jesuítas da Bahia. In: Projeto de Restauração e Revitalização do Prédio da antiga Faculdade de Medicina. Memorial Descritivo. Salvador: UFBA/FAUFBA/CEAB, 1993.

colocar o Museu de História Natural. Este projeto teve a oposição da Congregação, que necessitava do espaço para a instalação do seu Laboratório de Química. Depois de um longo processo entre as partes, em 1837, a Faculdade de Medicina obteve as chaves deste cômodo, por ordem do Ministério do Império ao Presidente da Província. O curso médico passou então a ser ministrado em seis anos (14 cadeiras), o farmacêutico em três anos e o de parteiro em dois anos. O Hospital Militar foi transferido para outro local em 1833, no entanto as atividades práticas foram mantidas na Santa Casa de Misericórdia⁴. Em 1840, o Ministro do Império mandou pôr à disposição da Faculdade de Medicina as quantias provenientes das matrículas para serem aplicadas na compra de livros, formando-se assim sua Biblioteca. Dessa forma, em 1854, a Biblioteca já possuía 4.100 volumes catalogados e 600 folhetos avulsos e funcionava numa sala contígua à Catedral (Figura 2), no andar térreo do Salão Nobre.

Em 1854, ocorreu uma nova reforma no ensino médico que não agradou aos lentes da Faculdade de Medicina, que a acharam retrógrada. As queixas duraram até 1882, quando ocorreu uma nova reforma. Esta foi vista pelo professor Dr. Pacífico Pereira, como 'a lei áurea' do ensino médico no Brasil. Essa Reforma completou-se em 1884 com a publicação dos Estatutos. Nos dois anos seguintes, a Faculdade de Medicina lutou com sérias dificuldades para pôr em execução as exigências da reforma de 1882, que dentre outras coisas exigia montagem de laboratórios e salas de aula, dentro de padrões higiênicos (CAMARGO, 1999).

A Congregação solicitou então recursos para proceder às reformas e ampliações necessárias. Em 15 de fevereiro de 1883, o Ministro do Império liberou verbas e autorizou a execução das obras necessárias. No lado voltado para a montanha deveriam ser construídos dois grandes pavilhões para laboratórios. Para isso foi necessária a construção de uma forte muralha de segurança. Isso ocorreu de forma mais precisa, assim:

(...) o novo edifício da Faculdade e seus anexos deveriam abranger o antigo edifício que seria reformado e totalmente aproveitado, mais o espaço de cinco prédios sítos à Rua das Portas do Carmo, que deveriam ser desapropriados, uma parte do terreno conquistado à montanha, perfazendo tudo uma área de 3.876 m² de edificação e 1.686 m² (CAMARGO, 1999).

No princípio de 1884, o Diretor Dr. Pacífico Pereira, insistia que fossem tomadas providências, por meio de Relatório ao Ministro, onde voltou a expor os problemas pelos quais passava a Faculdade de Medicina. Pelo documento conseguiu receber novas dotações orçamentárias para recondicionar o velho edifício. Até 1887, o Ministro da Viação e Obras Públicas era o baiano J.J. Seabra, que fez o envio periódico de verbas para as reformas. Em 1891, o novo Diretor Prof. Anselmo da Fonseca descreveu assim a situação do edifício:

apesar das modificações por que tem passado e dos acréscimos que lhe tem sido feitos o edifício da Faculdade não poderá jamais possuir as acomodações necessárias e a conveniente adaptação a seu destino, sem corresponder ao ideal da higiene e da estética, colocado num sítio pouco espaçoso, minimamente acanhado e sem possibilidade de ser aumentado; [...] que não tem as dimensões necessárias para aquartelar os dezesseis laboratórios que devem funcionar. (CAMARGO, 1999).

2. Processo histórico ocorrido durante o século xx até nossos dias

A partir de 1901, tendo como diretor Dr. Alfredo Brito, várias inovações começaram a ocorrer. Em 1903, ocorreu uma grande novidade: foi conectado o serviço de eletricidade que trouxe como resultado imediato a iluminação interna e externa e a ventilação artificial. Estes condicionamentos trouxeram amenidade ao ambiente, conforme relata (CAMARGO, 1999). Ao que parece, data desta época a execução do salão nobre com a sua máxima pompa. A primeira referência objetiva a esta situação apareceu no dia 3 de março de 1903, quando a ele se refere o Diário de Notícias: "Apresta-se a decoração do vastíssimo salão de

5. Britto, historiador da Medicina baiana, pergunta no art. 25, "Teria sido criminoso o Incêndio da Faculdade de Medicina da Bahia em 1905?"

6. Segundo as informações disponíveis, Victor Dubugras (Sarthe, França, 1868 – Teresópolis, RJ, 1933) realizou sua formação profissional em Buenos Aires, Argentina, no escritório do arquiteto Tamborini. Lá trabalhou com o autor do projeto do Teatro Colón. Em 1891, depois da morte do mestre, transferiu-se para São Paulo, tendo trabalhado com o importante arquiteto Ramos de Azevedo.

'actos solenes', da sala dos professores e do gabinete do diretor [...] Ainda não foi dada a última mão no embelezamento da Faculdade" (apud CAMARGO, 1999).

Infelizmente, pouco tempo depois, em 2 de março de 1905, ocorreu um grande incêndio no prédio da Faculdade de Medicina. O incêndio⁵ atingiu e destruiu, inexoravelmente, a antiga Capela dos Jesuítas, a Biblioteca, que havia sido mudada para novas acomodações, com entrada independente (pela rua atualmente denominada Alfredo Britto), os Laboratórios de Anatomia Patológica, Bacteriologia e a Clínica de Medicina Legal. O Salão Nobre, a Sala das Congregações, o antigo Arquivo, os corredores e as escadas não foram queimados, mas foram muito prejudicados pela fumaça e pela água de resfriamento usada para a extinção do incêndio. O governador J.J. Seabra, em telegrama de 4 de março de 1905, lamentou o ocorrido. Dirigiu-se ao diretor, Dr. Alfredo Britto, no dia seguinte ao incêndio, da seguinte forma: "Estou estudando meios poder abrir desde já credito começo reconstrução porque esperar o Congresso representa uma eternidade. [...]" (CAMARGO, 1999).

O engenheiro Theodoro Sampaio foi então designado responsável pela reconstrução e organizou os orçamentos do novo projeto e delimitou os prédios a serem desapropriados para sua demolição. Solicitou ao famoso arquiteto Victor Dubugras⁶ o projeto da nova Faculdade de Medicina da Bahia. Naquele terreno de 11.500 metros para o complexo arquitetônico, em linhas clássicas e neoclássicas, atuou Dubugras grande precursor do uso do concreto e do modernismo no Brasil. O conjunto da obra deste arquiteto francês desenvolveu-se dos fins do século XIX às primeiras décadas do século XX, sendo a mais destacada, a famosa estação Mayrink, próxima a São Paulo. Em 1905, juntamente com a Faculdade de Medicina, desenvolveu dois outros trabalhos: o Ginásio de Ribeirão Preto, em São Paulo e o Dispensário Ramiro de Azevedo, no Campo da Pólvora, em Salvador, Bahia. Nestas obras, iniciou o emprego de novos elementos de linguagem arquitetônica. Seus trabalhos embora aparentem do estilo eclético, foram posteriormente, em seu resgate do valor histórico, passando à denominação de arquitetura racional e protomodernista, pelos estudiosos da história da

arquitetura, como Reis Filho (1997). Isso se deve à introdução de elementos de concreto armado e de *art-nouveau*, evidenciada na Figura 3.

O novo projeto para a Faculdade de Medicina da Bahia apresentou um forte paralelo com o do Ginásio de Ribeirão Preto. Os diferentes corpos do edifício e os elementos decorativos eram praticamente os mesmos, na parte da entrada. Para tanto foram dispostos vários pavilhões ao redor de um corpo saliente, de forma circular, ladeado também por galerias com alpendres. "O tratamento acadêmico limitou-se a estabelecer arremates de capitéis, nas pilastras e nas colunas, bem como nos peitoris dos alpendres, recursos próprios da arquitetura romana" (REIS FILHO, 1997, p. 171).

Em 21 de fevereiro de 1909, as obras da nova Faculdade de Medicina estavam concluídas sob a direção do Eng. João Pereira Navarro de Andrade. Por sessenta anos essa edificação abrigou as suas atividades, iniciadas no governo de Afonso Penna e do Diretor Dr. A. Viana. Não obstante, desde 1937, se iniciou uma nova etapa na vida da instituição, que começou com o lançamento da pedra fundamental do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, no Bairro do Canela. Para tanto foi comprado um grande terreno para ser implantado um novo complexo de edificações para a Faculdade de Medicina da Bahia. Em 8 abril de 1946, no governo do Presidente Dutra, registra-se um fato marcante envolvendo a Faculdade de Medicina. Através do Decreto-lei n. 91.555, foi criada a Universidade da Bahia, reunindo diversas faculdades que existiam na cidade. O diretor da Faculdade de Medicina Professor Edgard Santos, foi nomeado Reitor. A reitoria ficou instalada no prédio da Faculdade de Medicina. Isso permaneceu até 30 de outubro de 1951, quando ocorreu um novo incêndio. Este, não teve as proporções do de 1905. O fogo prejudicou o setor da Faculdade de Odontologia e os salões ocupados pela reitoria. Este sinistro acelerou o traslado da Reitoria para o bairro do Canela. Ficou inicialmente instalada no prédio da Escola de Enfermagem, até a inauguração, em dezembro de 1952, do Palácio da Reitoria. Em 1962, "a Comissão de Planejamento Universitário, com a finalidade de planejar as medidas para a reforma universitária, tornou publico o relatório Reestruturação da Universidade. [...] O

organograma funcional básico da universidade nova e se estabeleceu princípios... acerca da distribuição ocupacional dos dois Centros Universitário, Canela e Federação, que formaram o novo Campus" (CAMARGO, 1999, p. 49). No bairro Canela se localizaram, entre outros, a Reitoria, o Centro Médico e Faculdades afins, tais como a medicina e anexos (Hospital das Clínicas, Clínica Tisiológica etc.), odontologia, farmácia, enfermagem e nutrição.

Não se tem com precisão a data em que a Faculdade de Medicina se transferiu para o *campus* do Canela, mas foi consequência da Reforma Universitária de 1968, que tentou maximizar o aproveitamento da infraestrutura universitária por meio da integração de laboratórios e outros dispositivos didáticos. As pesquisas de Camargo (1999) informam que, em 1970, os cursos da Faculdade já haviam deixado o prédio do Terreiro para se acomodarem, provisoriamente, nas dependências do Hospital das Clínicas, no bairro do Canela. O novo prédio da Faculdade de Medicina, localizado na Av. Reitor Miguel Calmon, foi inaugurado em 1977 e suas aulas transferidas, definitivamente, a partir deste ano. Com a saída dos cursos da Faculdade de Medicina, o velho edifício teve sucessivas e breves destinações, chegando mesmo a ficar abandonado por vários anos. Logo após da transferência dos cursos para o Canela, o prédio que pertencia à Faculdade de Medicina foi ocupado, por pouco tempo, pela Faculdade de Filosofia. Ela para aí se mudou no dia 1º de maio de 1970 e permaneceu até 29 de julho de 1974, trasladando-se, depois, para sua atual sede, em S. Lázaro, no bairro da Federação. O diretor nesta época era o prof. Joaquim Batista Neves, que enviou contundentes relatórios ao reitor, a respeito da deterioração do conjunto arquitetônico. Diz ele:

A sua deterioração é quase completa. Transformado em autêntico pardieiro, onde vendedores ambulantes, guardadores de carro, engraxates, fotógrafos (lambe-lambe) e outros biscateiros se albergam em vários cômodos. As salas internas vazias, estragadas, abandonadas. Algumas sem portas e sem janela. A instalação elétrica preocupante, ante o risco eminente de incêndio. À noite, a escuridão é quase total. Em estado precário encontram-se também as instalações hidráulicas. Dos poucos sanitários existentes (imundos), há, apenas, dois com utilização bastante

7. Segundo, Argolo (2006) o salão nobre, juntamente com a ala nobre, havia sido restaurado, anteriormente, nos anos 1978/1979, no governo do Dr. Roberto Santos, sendo Diretor do IPAC o Prof. Mário M. Oliveira.

precária. O telhado de todo o prédio, nos dias de chuva são bem a amostra do desleixo em que o deixaram. [...] Parece até que, em alguns casos, a depredação foi e está sendo intencional... Tudo se retira, tudo se arranca. Mesas, armários, cadeiras são removidos para outros locais. As pias trabalhadas, tubos de canalização (de cobre), torneiras de bronze, luminárias, mesas de mármore existentes na antiga sala de anatomia, tudo foi retirado. [...] Ouvi dizer, também, que havia bonitos e vistosos quadros, retratos de mestres e alunos laureados, peças de grande valia e fino labor e outros móveis, sobre os quais tenho sido inquirido, mas nada sei informar, a não ser que não mais se encontraram no prédio. (CAMARGO, 1999).

Indignados com a situação de abandono em que fora deixado o edifício, muitos ex-alunos, professores e até pessoas da sociedade, não só manifestaram através da imprensa o seu protesto, como também, sob a liderança de Prof. José Silveira, iniciaram um movimento pela "Redenção da Velha Escola". Em 1972, um manifesto foi enviado, ao governo federal solicitando que tornasse o edifício da Faculdade Monumento Histórico da Medicina Nacional. A ideia era congregar ali todas as sociedades médicas da Bahia. Lá se instalariam as atividades que fallassem do passado da Velha Escola e lá se manteriam gabinetes de pesquisa, biblioteca, arquivo e museus. Lá funcionariam cursos de extensão, simpósios, conferências, congressos médicos, dando enfim um novo uso ao edifício.

Surgiu então a ideia de criar um memorial. Este representou um primeiro passo no sentido de atender aos reclamos daqueles que amavam e respeitavam o velho edifício e desejavam vê-lo abrigando atividades que, de uma forma ou outra, dissessem respeito às suas tradições de Faculdade de Medicina, a primeira do Brasil.

A Ala Nobre foi então devolvida à Faculdade de Medicina no dia 5 de novembro de 1982, para comemoração dos 150 anos de existência da faculdade, pelo então Reitor Luiz Fernando Macedo Costa. Nela foi localizado o Memorial à Medicina⁷, que funciona até hoje. Esta parte do antigo prédio do terreiro, com uma área de aproximadamente 3.700 m², abrange o salão nobre, a sala de comemoração (térreo), saguão de acesso, diretoria,

secretaria, salão dos lentes (reunião da congregação), sete salas de arquivo histórico, três salas de biblioteca histórica e outros cômodos de circulação e apoio. Este Memorial foi criado sem envolver recursos orçamentários da Universidade, contando para sua realização as contribuições de empresas e do Governo do Estado da Bahia. Não contando assim com verbas públicas permanentes, surgiu uma grande dificuldade, que é a sua conservação.

Desde então, iniciou-se um lentíssimo processo de restauração do conjunto arquitetônico pela Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural, quando era Governador do Estado o Prof. Roberto Santos, que havia sido Reitor da UFBA. No decorrer dos trabalhos de prospecção e restauração foram descobertos vestígios no subsolo, do antigo Colégio da Companhia de Jesus, cobrindo uma área de 547 metros quadrados.

Segundo descrição de Silveira (s/d apud CAMARGO,1999):

O local é dividido por uma sala que se liga ao grande pátio externo, onde existe uma pilastra de alvenaria de tijolos no centro, e o piso primitivo. Há ainda um corredor de distribuição central coberto por abóbadas de aresta, que levam a outros cômodos secundários, sem janelas, cujo acesso se faz por apenas uma porta, todos eles recobertos com abóbadas de berço de perfil rebaixado.

Por conta destas descobertas foram instalados o Museu Afro-Brasileiro, em 1982, e o de Arqueologia e Etnologia, em 1983, no subsolo da edificação.

Diversas outras ocupações foram tentadas para dinamizar a edificação, mas restringiram-se a aproximadamente 1/3 da área do prédio. Elas não impediram que o restante do edifício, onde se situam a chamada Ala Nordeste, o Anfiteatro Alfredo Britto, a notável Biblioteca e o Anexo III entrassem em colapso, arruinando-se totalmente, inclusive com o desabamento da cobertura do Anfiteatro e do Anexo III. Entre os anos 1980 e 1990, o salão nobre foi novamente restaurado, na medida em que a restauração anterior, supostamente feita com encáustica, começou a apresentar problemas, devido ao calor e à umidade, provocada por goteiras. Por uma década aproveitou-se este salão para diversos eventos da

Universidade, que perduraram até sua interdição em 2001 para reforma do telhado. O último evento oficial da Associação Médica ocorreu em torno do ano 2000, com um seminário no salão nobre e, logo em seguida, houve uma declaração a todos que a faculdade iria ter de isolar o salão nobre, porque não oferecia condições de segurança.

No decorrer dos últimos anos, foi tentada uma nova iniciativa para restauração da Faculdade de Medicina. Em 1996, mesmo antes da interdição referida, foi criado o Projeto Escola Oficina de Salvador (EOS), sob a liderança do Arqto. Bottas Dourado, da Faculdade de Arquitetura, que teve por objetivo a formação e capacitação de mestres restauradores, para atuarem na conservação do espaço patrimonial da Universidade da Bahia. A atuação deste Projeto não contou com recursos financeiros suficientes para reverter integralmente o processo de degradação, não obstante, executou obras de recuperação do Anfiteatro Alfredo Brito e a restauração da ala nordeste. Presentemente, encontra-se restaurando o prédio da biblioteca. Quanto à restauração da Ala Nobre, um Projeto foi desenvolvido em 2005, pela EOS, sem sucesso. Até o momento, a EOS atuou apenas para evitar o desabamento da cobertura do salão nobre, como já havia ocorrido com outros prédios do conjunto arquitetônico, estando em aguardo recursos para a recuperação do telhado, que segundo D’Affonseca (2006), deveria ser a primeira providência para restauração do prédio. A Figura 4 mostra o estado do telhado de telha canal em duas águas, sendo uma com caimento para a fachada Sudeste e outra para a fachada Noroeste. Para efeito de análise, examinaram-se a cobertura a partir dos seus elementos constituintes: telhamento, madeiramento da estrutura de cobertura e madeiramento de forro. Por reconhecimento visual se localizaram plantas e espécies vegetais diversas fora e dentro do salão.

Segundo o Diário de Obra da Escola Oficina de Salvador, entre 02 de maio de 2001 até 12 de junho de 2001 foram realizadas uma série de providências para controlar a eminência de desabamento do telhado do salão nobre:

De 02-05-2001 a 04-05-2001 - Montagem de andaime no Salão Nobre. Do dia 04-05-2001 a 09-05-2001 - Escoramento do tabuado do Salão Nobre. Em 10-05-2001 - Foram retiradas as cadeiras que ficam sobre a parte do forro do Salão Nobre que foi escorado. No dia 10-05-2001 foi executada a proteção das paredes. Na ocasião destes serviços foi feito um cadastramento expedito das pinturas murais que foram em parte protegidas por placas de compensado naval. Entre o 18-05-2001 ao 28-05-2001 se realiza o escoramento do Salão Nobre. Dia 29-05-2001 é feita a desmontagem de andaimes, e no dia seguinte 30-05-2001 - Organização dos andaimes e tabuas. Por fim de 31-05-2001 a 05-06-2001 - Preparação de peças para o escoramento do forro do Salão Nobre e de 06-06-2001 a 12-06-2001 - Escoramento do forro do Salão Nobre. (EOS/UFBA, 2001)

A situação externa do prédio em 2006 é claramente mostrada na Figura 5. Nela, é visto o exterior do prédio com porta externa e janelas com bandeiras, voltadas para o pátio interno, com os andaimes e tábuas do escoramento externo do salão nobre. Na edificação, o telhado fica protegido por platibanda de alvenaria trabalhada e as águas são recolhidas em calhas metálicas e descem canalizadas pelo exterior das fachadas.

A maneira de abordar o problema da degradação de uma estrutura e sua conservação, de acordo com Johnson (1973, p. 20),

deve ser parecida à de um médico abordando um caso. Isto implica a comprovação da existência de uma enfermidade, o diagnóstico e o remédio, e concede ampla importância à necessidade de prevenir o mal [...] Aprender primeiro a conhecer os sintomas e as enfermidades e não se preocupar pelo remédio, até que seja estabelecido o diagnóstico.

Na conservação das pinturas murais têm-se dois princípios fundamentais. O primeiro considera que: já que as pinturas murais são partes de um conjunto arquitetônico para o qual foram pensadas exclusivamente, estão integradas ao edifício. É preciso conservá-las em seu espaço original, pensar em seu deslocamento só pode ser considerado como último recurso.

O segundo princípio considera que não se pode deter o processo de deterioração sem antes identificar e eliminar as causas que dão origem à deterioração. Os fatores de deterioração que degradam as estruturas arquitetônicas costumam ser os mesmos das pinturas murais. Dentre os principais males que atacam as pinturas murais pode-se destacar em primeiro lugar "a influência da umidade e sua origem (capilaridade infiltração e condensação)" (ARGOLO, 2007, p. 29).

Na Figura 6 é mostrado detalhe do madeiramento do Salão Nobre os principais problemas que se apresentam na conservação da estrutura de madeira são: a podridão, a ação dos insetos e a deterioração dos elementos de união. A causa de degradação mais freqüente nas edificações é a ação de um condicionante exterior natural – a água.

3. A situação do salão nobre e das pinturas murais

A prática de construção, acabamento e conservação podia ter um caráter sanitário, como a caiação – pintura à cal extinta em paredes, pisos e tetos para higienização na ocasião de epidemias – peste, chagas, varíola etc. Também podia ter um caráter estético, como os afrescos e as pinturas decorativas de palácios, túmulos e templos, que empregavam diversificadas substâncias químicas como o óxido de ferro, cianetos e outros pigmentos em base de água, de óleo ou de resinas. Essas práticas na Europa foram muito anteriores à vinda dos portugueses ao Brasil, que certamente as adotaram nas construções que edificaram e conservaram na colônia e na Bahia no século XVI.

É de se esperar que a prática das pinturas murais no Colégio dos Jesuítas tenha se iniciado com caráter estético numa etapa mais avançada do conjunto arquitetônico. A primeira notícia que se obteve sobre pinturas decorativas neste conjunto refere-se à Capela dos Jesuítas, que possuía finas pinturas no retábulo do altar, feito em 1736, com imagens de Nossa Senhora dos Quarenta Mártires. Leal (1998) afirma que essa capela era "ornada com a vida de B. Estanisleu, em pintura romana". Como se sabe, conforme Britto (2002), a capela era consagrada a São Estanislau (Stanislau) Kostka (Santo Jesuíta), no primeiro andar no prédio da FAMEB no Terreiro de Jesus e

sofreu várias reformas, vindo a desaparecer no incêndio de 1905, segundo Britto (2002).

Quanto às pinturas do setor da edificação onde se encontra o Salão Nobre não se tem nenhuma referência nas fontes consultadas, que faça menção a elementos decorativos antes do século XX. É possível que no salão tenha existido algum tipo de decoração, mas é quase certo que suas paredes, desde a sua primeira construção de pedra e cal, fossem cobertas por pintura do tipo caiação, ou pintura à tabatinga.

Em 1826, o Colégio Médico Cirúrgico, que foi sediado nos edifícios vacantes do Colégio dos Jesuítas, fez a escolha de uma insígnia para figurar como seu símbolo, conforme já comentado. É provável que a partir desta data comesçasse a preocupação com a re-qualificação dos ambientes internos da edificação, sobretudo naqueles cômodos que faziam a representação do Colégio Cirúrgico junto à comunidade, como o salão de actos solenes, como era denominado o Salão Nobre no século XIX. A primeira referência explícita à decoração do salão nobre de que se tem notícia data de 1903, quando o jornal o Diário de Notícias faz elogios à sua nova decoração. Não se sabe ao certo se a decoração que chegou aos nossos dias é a original. O painel do fundo, o mobiliário, as alfaias e os belos lustres mostravam o requinte e a beleza do ambiente, que lamentavelmente se encontrava degradado, em desuso e totalmente encoberto por andaimes e escoramentos colocados em 2001 e que ainda permaneceram até 2006. O restauro do salão nobre não entrou na programação da EOS, senão para as obras emergenciais de escoramento. Embora tenha sido assinado um Convênio, com a Petrobrás, através do Ministério da Cultura com a UFBA, não foi dada a público, nenhuma definição que sinalize em curto prazo, se este Salão e suas pinturas murais seriam restaurados.

Segundo depoimento de Lima (2006),

temos que ver que ele foi o primeiro grande e principal Salão Cívico Cultural da Cidade do Salvador [...] aquele salão abrigou congressos, reuniões importantíssimas cívicas e de todos os movimentos, inclusive revolucionários que tiveram a Bahia como centro [...] ali se formaram os corpos de saúde que combateram a Sabinada; ali foram

tomadas todas as deliberações: da guerra de Canudos nos sertões á guerra do Paraguai; os contingentes de saúde para ambas ali foram formados; ali foram tomadas decisões cívicas abolicionistas, republicanas, [...] havia um salão político que era da Câmara Municipal da Casa da Câmara e Cadeia que fica na Praça Municipal e havia um salão cívico cultural assim o determino então ali todas as reuniões para serem tratadas assuntos de arte, ciência, cultura geral, literatura é um local que representa a vida cultural e cívica da Bahia, em todo seu passado.

A realidade do edifício da Faculdade de Medicina da Bahia antes do restauro final em 2006 tinha como melhor expectativa que a Faculdade de Medicina faria 200 anos em 2008. Era provável que até esta data se providenciaria pelo restauro deste importante espaço arquitetônico patrimonial, que teve destacado uso por tantos anos. Felizmente, esta expectativa acabou se realizando com diversas limitações.

O salão nobre, localizado na denominada "ala nobre" é depositário de um acervo cultural e histórico de grande valor, pois nele se localizam pinturas artísticas e decorativas valiosas. Em 2006, lamentavelmente, encontrava-se bastante estragado e ameaçado pela ação de diversos agentes deterioradores, que afetavam principalmente o forro e a cobertura. É possível afirmar que ela ainda não havia ruído, porque foi escorada por vigas e andaimes metálicos, que a sustentavam desde 2001, mas a situação se tornou mais grave devido a diversos episódios chuvosos. Assim, a situação era crítica e os condicionantes ambientais aceleravam o processo de deterioração. Entre as principais causas dos estragos das pinturas estão fatores ambientais tais como: a) a água que verte das goteiras umedecendo as tábuas que constituem o teto e o forro que, por sua vez, deixam-na escorrer e infiltrar, descendo pelas paredes até atingir as pinturas murais; b) a fumaça decorrente da queima de combustíveis fósseis; c) a presença de agentes biológicos, como insetos, fungos, microflora e outros.

Foi preciso analisar e avaliar a situação das pinturas murais do salão nobre, enquadrando na história da edificação: a filosofia do pensamento da época em que foram pintadas e as pessoas que tiveram relação com

seu aparecimento; estudar a deterioração dos materiais constituintes das obras de artes (tintas, pigmentos, fixadores) e do suporte arquitetônico (paredes, materiais dos revestimentos e o substrato das pinturas murais), dando-se ênfase à avaliação do papel dos agentes ambientais na deterioração do suporte arquitetônico e pinturas murais: físicos (umidade do ar, água de chuvas, radiação solar, térmica e luminosa), biológicos (fungos, insetos, vegetais etc.) e químicos (poluentes, como o CO₂, spray marinho e poeira); entender como as obras de manutenção da arquitetura estavam interferindo negativamente e como tem agravado a deterioração dos elementos artísticos buscando encontrar em trabalhos similares encaminhamentos para contornar essa problemática e soluções relativas ao controle da atuação dos agentes ambientais.

Kant (1995) afirma que o belo é "aquilo" que agrada universalmente, ainda que não se possa justificá-lo intelectualmente nessa dualidade objetividade-subjetividade. O objeto belo é uma situação de prazer para o sujeito onde a causa reside nele mesmo e o sentimento do sujeito é gerado por meio da percepção e não do conceito do objeto. O objeto arquitetônico, uma vez valorizado como monumento e como patrimônio histórico pode então se tornar o suporte, neste caso, os murais e as pinturas decorativas do salão nobre. Porém é fundamental considerar que as pinturas murais dentro de uma obra de restauro são de grande fragilidade. Elas são dependentes do comportamento e da situação particular do suporte, inclusive do modo como se conduzem as obras de restauração.

No sentido de avaliar a situação encontrada no salão em 2006, pode-se observar na Figura 8 em detalhe os danos mais significativos decorrentes das infiltrações, do escorrimento da água da chuva sobre o mural da parede noroeste, ao fundo do escoramento sobre as pinturas. Neste exame foram identificadas diversas patologias: argamassa à vista; deslocamento da base e da camada pictórica; pintura fraturada; pintura decorativa destruída; fissuras e gretas; escorridos; cor escurecida; eflorescências; manchas brancas; camadas pictóricas com bolhas; dourado diferente.

Por ter o salão nobre três tipos de pinturas bem diferenciadas – artísticas, decorativas e retratos – é necessário estabelecer para cada uma delas critérios especiais.

No caso das pinturas artísticas, o critério básico é buscar voltar à aparência original. Caso se tenha referências e documentação válidas, pode-se restituir o máximo possível (quando o dano atinge até 10% ou 15%, uma restituição idêntica seria inquestionável). No caso de lacunas que atinjam mais que 40%, essas ainda poderiam ser completadas com uma técnica que mostre o mesmo aspecto. Porém a nova pintura deve estar no mínimo 30% abaixo da cor primitiva em intensidade para facilitar o reconhecimento do setor que foi restaurado, sendo a restauração documentada e explicitada aos visitantes. No caso das pinturas decorativas, por serem elas repetitivas, não haveria problemas em completar os trechos faltantes, não sendo necessário rebaixar a intensidade da cor. No caso dos retratos, podem-se usar critérios de percentual, mas no caso do dano ser maior que 50%, o melhor é fazer uma reconstituição digital, substituindo o objeto por uma representação virtual, tal como uma fotografia com reconstituição digital do retrato em vez de repintá-lo imitando o que foi.

4. As pinturas murais da Faculdade de Medicina da Bahia

No conjunto arquitetônico da Faculdade de Medicina era uma constante a pintura mural de belíssimos motivos, que cobriam quase todas as salas do prédio projetado por Dubugras em 1905. Algumas prospecções ainda revelam a qualidade da pintura antes de ser coberta de cal pelas questões sanitárias no passado.

Segundo entrevista de Argolo (2006),

as pinturas murais da Faculdade de Medicina da Bahia são de um valor extremamente grande [...] não só porque se tratam de pinturas decorativas de época, certamente executadas nas primeiras décadas do século XX, mas por se tratar de um prédio também da importância da Faculdade de Medicina, a primeira Faculdade de Medicina do país, aliado tudo isso à importância do próprio pintor (Manoel Lopes Rodrigues) [...] e também porque é uma pintura de boa qualidade, infelizmente um tanto adulterada pelos desgastes do tempo e por restaurações mal feitas.

O papel do conjunto arquitetônico no contexto do centro histórico de Salvador e do Pelourinho é inestimável (Figura 9).

A percepção é uma forma primária geradora do comportamento, mas não é única, homogênea, pelo contrário, depende da ideologia à qual se liga o sujeito. Isso ocorre dentro dos distintos grupos sociais incorporados à estrutura cultural, que vão mudando com os diferentes períodos da humanidade. Essa percepção ligada aos distintos grupos vai se relacionar também com os distintos tempos através dos quais o objeto vai se consolidando desde distintas condições no espaço-tempo.

A metodologia adotada neste trabalho buscou encaminhar-se, portanto, na direção da "epistemologia da complexidade" de Morin (2003) que defende a abordagem transdisciplinar dos fenômenos que puderem ser percebidos e observados, abandonando o reducionismo de tratar a problemática exclusiva do restauro.

O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade, cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada, assim como ao enfraquecimento da solidariedade. O conhecimento especializado é uma forma particular de abstração. A especialização 'abs-trai', em outras palavras, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e as intercomunicações com seu meio, introduz o objeto no setor conceitual abstrato que é o da disciplina compartimentada, cujas fronteiras fragmentam arbitrariamente a sistematicidade (relação da parte com o todo). (MORIN, 2002, p. 41)

Esses comportamentos determinam a relação com o monumento que é a matéria de suporte das artes plásticas. Nos dias atuais, observa-se na ideologia da preservação e da conservação a necessidade do desenvolvimento de tecnologias que respondam a estas atitudes. Elas permitem superar as inclemências do tempo histórico e dos condicionantes ambientais naturais que tendem a deteriorar tais objetos. O objeto arquitetônico, uma vez valorizado como monumento e como patrimônio histórico pode então tornar-se o suporte que dá existência ao

conteúdo arte, neste caso, os murais e as pinturas decorativas do salão nobre.

A qualidade artística da pintura mural do salão nobre no plano das decorações é calculada levando em conta o formato, o tamanho e a iluminação do recinto. Sua previsão foi feita de tal forma, para que os possíveis espectadores pudessem contemplá-lo nas posições mais diversas, representadas pelos lugares que eles normalmente ocupam.

Suas pinturas murais se agrupam em três tipos: sete retratos clássicos com molduras com douramentos; quatro pinturas figurativas que mostram representações de corpo inteiro, simulando estátuas em nichos; e uma pintura decorativa que cobre o restante da superfície das paredes do salão, por inteiro.

Os retratos são apresentados em medalhões, que mostram os grandes mestres da medicina ou fundadores da escola. São eles: Conselheiro Barão de Goyana, Joseph Lister, Rudolph Vischow, Louis Pasteur (Figura 8), William Harvey, René Laennec e Andre Vesale. As pinturas figurativas representam as figuras de Asclepius ou Esculápio (Deus da Medicina), de Hipócrates (Pai da Medicina) e duas outras que são Hygeae (Deusa da Boa Saúde ou da Higiene) e Ephphata (Deusa das Curas ou da Terapêutica). São todas douradas e com um sombreamento perfeito que faz saltar o volume, como se fossem estátuas. A pintura decorativa reproduz motivos estilizados de desenhos de plantas e flores, conhecido por estilo art nouveau em dourado sobre fundo verde, cinza e branco. Marcando a modulação das janelas, elas foram pintadas como fingimento de colunas com capitéis dourados, que pelo sombreamento se assemelham a capitéis coríntios em baixo relevo.

O objeto arquitetônico suporte das artes plásticas, por sua morfologia e enquadramento, se aproxima de um microcosmo adquirindo características de uma totalidade. As artes plásticas dentro dessa totalidade representam uma das suas facetas, inclusive contribuindo na dialética entre a pequena e a grande escala: constituídas pelas artes plásticas e o edifício.

A importância histórica do objeto arquitetônico refere-se ao fato de a ala nobre da edificação remontar ao período da arquitetura jesuítica, correspondendo às mais antigas construções existentes no Brasil.

A produção plástica existente no Salão Nobre traduz a ideologia de um período e deve ter proteção num período posterior, com diferente referencial ideológico, sempre com reconhecido valor. As artes plásticas são elementos de referência do patrimônio arquitetônico por seu valor artístico e simbólico. Infelizmente, recentemente, as artes plásticas não estão sendo consideradas como um acervo integrado ao suporte da obra arquitetônica. Quando não se dispõe de condições requeridas para manutenção material do suporte das obras de artes a perda do acervo cultural se acelera ainda mais. Como afirma Baldini (1997, p. 7):

Durante sua vida a obra de arte pode encontrar-se em três estados: o da 'ruína' (thánatos), que pode produzir-se por uma falta de ação por parte nossa (descuido e abandono que levam à degradação), ou por um acontecimento externo violento e traumático (tremor, guerra, caída, incêndio, etc.); o da prolongação de sua 'vida' (bíos), que resulta do ato físico do cuidado material da obra para proteger-la dos danos e as perdas (mantimento e conservação); e o da 'restituição' de sua realidade como obra de arte (heros) que se manifesta no ato final de filologia crítica (ato de restauro). Igualmente, em quaisquer obras de arte podem-se registrar pelo menos três atos: o primeiro é o da criação por parte do 'artista'; o segundo é a ação do 'tempo' sobre a obra; e o terceiro é a ação do 'homem'.

5. As técnicas pictóricas utilizadas no salão nobre

No livro *Restauração de obras e arte*, Rescala (1984) identifica diversas técnicas pictóricas empregadas nos murais, como afresco, têmpera, óleo e encáustica. As pinturas em afresco em Salvador só foram identificadas pelo autor no nicho da "Virgem dos Sete" (RESCALA, 1984, p. 197). A técnica da têmpera, que tem uma aparência mate na sua superfície, foi a mais difundida na Bahia. A ausência de brilho permite que o mural seja apreciado de todos os ângulos, justamente por não apresentar reflexão da luz. Seu caráter aquoso permite que as cores apresentem resultados mais intensos, pois, mesmo secos os pigmentos assumem a sua verdadeira intensidade. Esta técnica parece ser a básica, na maior parte do salão nobre,

mas só o exame de laboratório poderá comprovar essa afirmativa.

O processo da encáustica é também de caráter oleoso, mas é diferente da pintura a óleo. As cores apresentam melhor intensidade e o meio da encáustica é composto de resinas e ceras naturais; possuem boa permanência para cumprir os requerimentos de um mural, mas tem um contraindicativo que é o de ser impermeável.

Segundo Argolo na chamada encáustica a frio, as cores e resinas são dissolvidas em óleo e essência de terebentina e levadas ao suporte, da maneira que se aplicam as tintas a óleo ou a têmpera. Trata-se, pois, de uma pseudoencáustica. Na Bahia, mesmo os artistas modernos e contemporâneos fizeram uso da encáustica, como João José Rescala e Carybé (inclusive em pinturas murais).

Os medalhões do salão nobre, se supõe, foram pintados a óleo, por meio de referências em entrevistas com diversos especialistas, como Barros (2006) e Argolo (2006). Entretanto, houve uma restauração imprópria feita em encáustica nos finais dos anos 1970 neste Salão. Soube-se ainda que esta não fosse executada com a devida competência e propriedade e produziu péssimos resultados para os murais que tiveram que ser novamente restaurados em meados dos anos 1980. Dessa forma, é pouco provável que a pintura das camadas superficiais corresponda à pintura inicial de Manoel Lopez Rodriguez, que pode estar encoberta. Douramentos também podem ser apreciados no Salão Nobre. Estes podem ter sido produzidos por corladuras (pão de ouro ou prata) ou pinturas com pigmentos de ouro. Os autores recomendaram que se façam análises estratigráficas para que se possa verificar a real constituição das camadas pictóricas de cada tipo de pintura.

Considerações finais

Adota-se enfoque de recuperação do patrimônio em sua totalidade, não fragmentando o suporte arquitetônico do substrato artístico, separando a própria obra de arte da arquitetura. Ainda que o presente estudo de caso se detenha mais sobre a questão das pinturas murais, entende-se que os estudos e as análises não deverão se restringir a categorias ou por hierarquias isoladas, seja por pressa

ou arbítrio ideológico, pois se entende que a restauração deve ser orientada por critérios amplos e cada intervenção deve ser pensada como parte de um todo.

Não obstante, muitos perceberam a importância do conjunto arquitetônico e desde vem acontecendo iniciativas no sentido de preservá-lo, dentre as quais se destacam o Memorial da Medicina e a Escola Oficina de Salvador. Em razão dessas iniciativas, as pinturas murais do salão nobre da Faculdade de Medicina da Bahia tiveram a fortuna de se manter até os dias de hoje como remanescentes da pompa, que era uma constante em todo o conjunto, e que fazem do edifício um patrimônio artístico de sumo valor.

As pinturas murais do salão nobre necessitam de ter seu valor artístico reconhecido, mas, além disso, necessitam de recursos específicos para sua restauração e conservação, uma vez que 39% da superfície do mesmo se encontram atingida por patologias de diversas naturezas (MARTIN, 2006). Em passado recente, essas pinturas sofreram um revés por terem sido usadas técnicas de restauração inadequadas ou realizadas com imperícia ou açodadamente, como foi o caso da restauração à base de encáustica.

O desenvolvimento do trabalho permitiu compreender melhor a construção dos edifícios da Escola de Medicina e identificar as causas dos problemas emergentes e crônicos indicados no artigo. Esses elementos constituíram componentes importantes para os trabalhos de restauração do conjunto arquitetônico, um dos insumos entregues à equipe que realizou o trabalho a partir de 2007. Infelizmente não participei diretamente deste importante trabalho, mas fico já satisfeita ao colaborar com intento, que finalizou com a inauguração da ala nobre da Faculdade de Medicina da Bahia (Figura 10).

Essas pesquisas só puderam ser feitas em função do apoio de diversas entidades, a saber: Instituto Geográfico Histórico da Bahia; Diretoria da Faculdade de Medicina; Memorial da Medicina; Escola Oficina de Salvador e Instituto Baiano de História da Medicina; bem como das bibliotecas: da Academia de Letras e Artes de Salvador; a Central do Estado da Bahia; a Central da UFBA; a da Escola de Belas Artes UFBA; a da Faculdade de Arquitetura UFBA; a do Instituto

de Biologia; a do LACAM – Laboratório de Conforto Ambiental da Faculdade de Arquitetura da UFBA; a do Laboratório MADEIRAS – IBIO/UFBA; a do Laboratório de Petrografia do IGEO; a do NTPR – Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração da UFBA; a do IQUI da UFBA. Destaque especial deve ser dado à Dra. Maria L. A. M. de Carvalho, orientadora deste trabalho.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **Normas de desempenho Térmico das edificações**. Rio de Janeiro, 1994.

ARGOLO, J. D. Abordagem Conceitual sobre Restauo. **Revista APCR Associação Paulista de Conservadores Restauradores e Bens Culturais**. n. 4, São Paulo, p. 29-32, 2005.

ARGOLO, J. D. **A conservação das pinturas murais**. Salvador: UFBA/Escola de Belas Artes, 2007 (notas de aula – texto técnico).

BALDINI, U. **Teoría de la restauración y unidad metodológica**. v. 1. Florência: Nerea/Nardini, 1997.

BALDINI, U. **Teoría de la restauración y unidad metodológica**. v. 2. Florência: Nerea/Nardini, 1998.

BAZIN, G. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

BLANCO MARTIN, F. J. Recuperación de nueve Iglesias y ermitas Del norte de Palencia. **Revista R & R**, n. 11, Madrid: Prensa Española, 1997. p. 26-39.

BRANDI, C. **Teoria de la restauración**. Barcelona: Alianza Forma, 1998.

BRITTO, A. C. N. Teria sido criminoso o Incêndio da Faculdade de Medicina da Bahia em 1905? Disponível em: <http://www.medicina.ufba.br/>. Acesso em: 8 out 2006.

_____. **A medicina baiana nas brumas do passado**. Salvador: EGBA, 2002.

CAMARGO, M. V. N. O Colégio dos Jesuítas da Bahia. In_____. **Projeto de Restauração e Revitalização do Prédio da antiga Faculdade de Medicina: Memorial Descritivo**. Salvador: UFBA/FAUFBA/CEAB, 1993. p. 13-69.

CARVALHO, A. M. F. M. O Colégio de Jesus da Bahia e as quatro igrejas do Salvador: um estudo de sua espacialidade, In:_____. **Colóquio Luso-Brasileiro e História da Arte 2000**. Salvador Atas... Salvador: UFBA/MAS, 2000. p. 191-215.

CARVALHO, B. A. de. **Glossário de Saneamento e Ecologia**. Rio de Janeiro: ABES, 1981.

D'AFFONSÊCA, S. P. **Um estudo sobre a constituição de antigas argamassas de cal**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 1992.

ENTREVISTAS. **Entrevista n. 1:** Restaurador José Dirson Argolo DATA: 28/09/06, HORA: 10:00.

ENTREVISTAS. **Entrevista n. 2:** Dr. Lamartine de Andrade Lima, DATA: 10/11/06, HORA: 17:30.

ENTREVISTAS. **Entrevista n. 3:** Arqta. Silvia D’Affonsêca, DATA: 05/10/06, HORA: 10:30.

ENTREVISTAS. **Entrevista n. 7:** Dr. Antonio Britto, DATA: 14/11/06, HORA: 11:30.

EOS/UFBA. **Diário de Obra Volume XX**. Salvador: UFBA, 2001.

JOHNSON, S. M. **Deterioro, conservación y reparación de estructuras**. Madrid: Blume, 1973. p. 7-23.

KANT, I. **Crítica del juicio**. Colección Austral. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

LEAL, F. M. **Catedral Basílica de São Salvador da Bahia, 1657**. Salvador: IPAC/Solisluna, 1998. p. 160.

MARTIN, A. M. Application of patern recognition for the Graphics Arts on Architecture Heritage. **International Conference on Geometry and Graphics 12TH**, 2006, Salvador. Anais... Salvador: ICGG, 2006. p. 120.

MARTIN, A. M. Las Artes Gráficas en el soporte de la Arquitectura. **Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Edificación**. Yaiza: Nueva Gráfica, 2004. p. 238-239.

MARTIN, A. M. Restauração digital dos desenhos gráficos no claustro do Convento de São Francisco, Salvador, Bahia. **Simpósio de Técnicas Avançadas em Conservação de Bens Culturais**. Olinda: AERPA, 2006. p. 4.

MARTIN, A. M. et al. Simulação Digital da Incidência Solar No Claustro do Convento de São Francisco. **Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico e VI Internacional Conference on Graphics Engeneering for Arts and Desing**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005. p. 59.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

NERY, J. et al. Primeira Aproximação para estudo de clima urbano em Salvador. **Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído Salvador**. Salvador: ANTAC/FAUFBA/LACAM, 1997. p. 124-128.

OLIVEIRA, M. Mendonça. **Tecnologia da Conservação e da Restauração – Materiais e Estruturas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

REIS FILHO, N. G. **Victor Dubugras**. São Paulo: FBSP, 1997.

RESCALA, J. J. **Restauração de Obras de Arte**. Salvador: UFBA, 1984.

SOUZA FILHO, FERRAZ. **Manual do Pintor**. São Paulo: LEP, 1964.

VALENTE, M. **Conforto Térmico em Salvador**. Salvador: UFBA: Centro Editorial e Didático, 1977. p. 7-12.

Data de recebimento: 31/10/2017

Data de aprovação: 27/11/2018

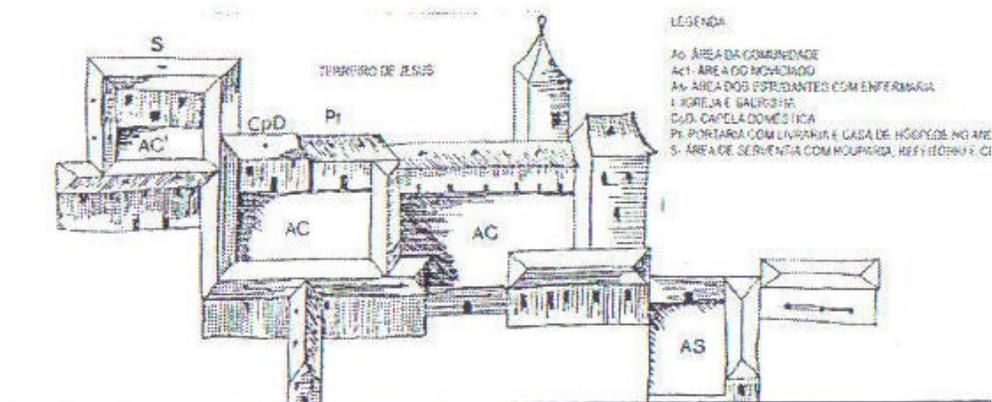
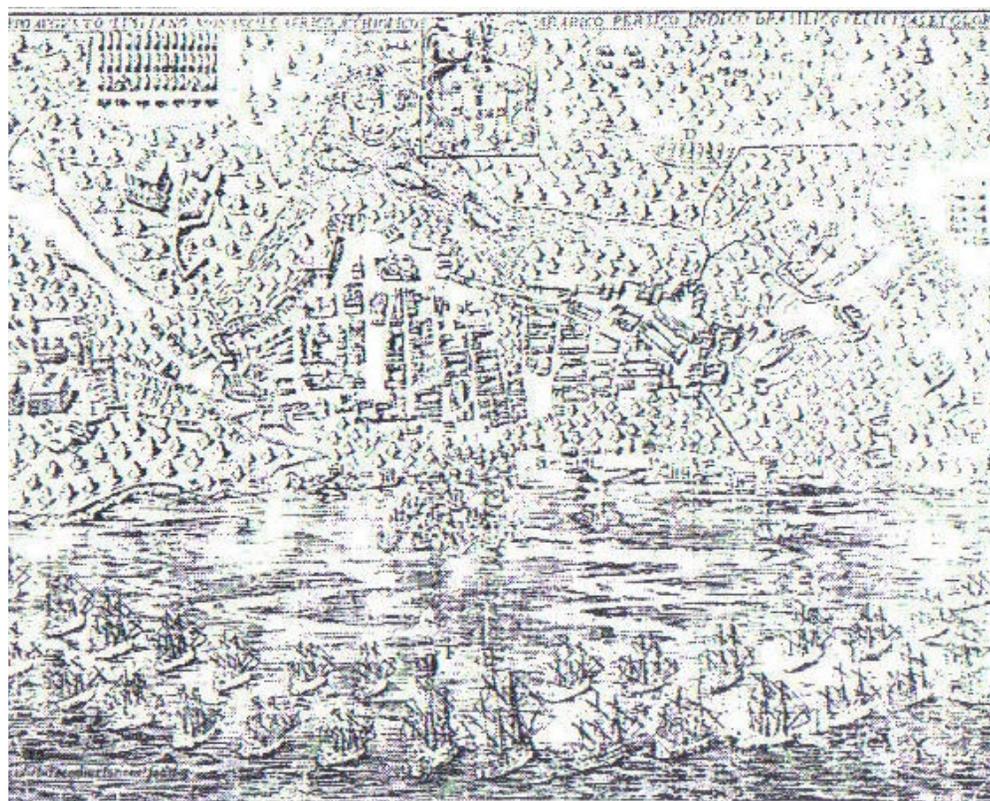


Figura 1.
Mapa ilustrativo na Jornada dos
Vassalos da Coroa de Portugal. Fonte:
Bazin, 1975.



Figura 2.
Fotografia de 1859. Fonte: Leal,
1998.

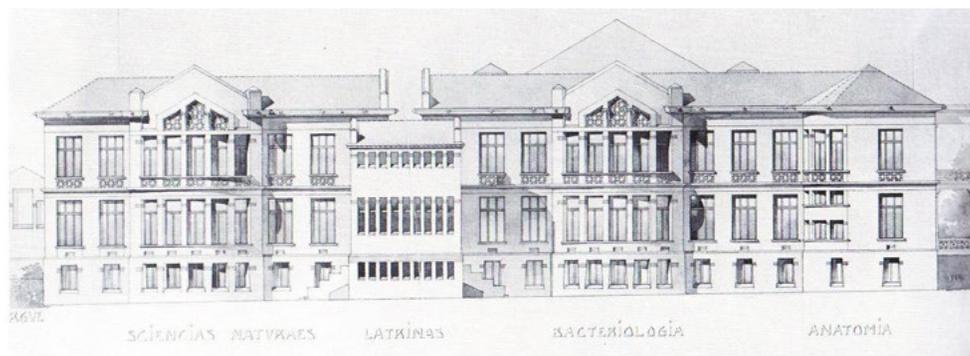


Figura 3.
Perspectiva da Faculdade de
Medicina da Bahia 1905. Projeto de
Dubugras. Fonte: Reis, 1997, p. 171.



Figura 4.
Estado geral do telhado de telha canal em duas águas. Fonte: Acervo da autora



Figura 5.
Exterior do prédio do Salão Nobre
com porta e janelas com bandeiras,
voltadas para o pátio interno, com os
andaimes e tabuas do escoramento.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 6.
Detalhe do madeiramento do salão nobre com os principais problemas de conservação da estrutura de madeira.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 7.
Vista do painel do fundo e o teto decorado, que lamentavelmente se encontravam degradados, em desuso e totalmente encobertos por andaimes e escoramentos.
Fonte: Acervo da Autora (2006)



Figura 8.
Detalhe retrato Louis Pasteur, localizado no painel do fundo da mesa diretora, ao lado esquerdo. Fonte: Acervo da autora.



Figura 9.
Foto Aérea do Pelourinho com
destaque para o conjunto arquite-
tônico da Faculdade de Medicina da
UFBA. Fonte: Acervo IPAC, 2002.



Figura 10.
Inauguração da ala nobre da Faculdade
de Medicina da Bahia. Fonte: Governo
da Bahia; autor: Manu Dias.